

Se a Mediunidade Falasse 11

CONVERSAS COM JOSE



GRUPO
MARCOS

SE A MEDIUNIDADE FALASSE 11

CONVERSA COM JOSÉ

GRUPO MARCOS

SUMÁRIO

<i>Conheça o Grupo Marcos</i>	v
<i>Apresentação da série</i>	vii
<i>Prefácio</i>	xi
1. Egoísmo e Orgulho	I
2. A Rotina do Presente	15
3. Café com José	21
<i>Outras Obras</i>	33
<i>Entre em Contato</i>	35

CONHEÇA O GRUPO MARCOS

Grupo Marcos é um grupo de amigos: encarnados e desencarnados, jovens e adultos, estudiosos e aprendizes, que se propõe a ser uma união de laços cristãos.

O nome Marcos – o nome-símbolo do grupo – é em homenagem a uma encarnação de Eurípedes Barsanulfo, nosso dirigente espiritual, que ocorreu à época do Cristo.

Marcos foi um essênio que se tornou verdadeiro cristão. Essa história você pode conhecer no livro *A Grande Espera*, da Editora IDE (Instituto de Difusão Espírita).

NOSSOS PRINCÍPIOS

1. Todos os produtos do Grupo Marcos (livros, cursos, programas de áudio, mensagens mediúnicas etc.) são colocados à disposição gratuitamente em nosso site www.grupomarcos.com.br, sendo previamente autorizado imprimir, copiar e divulgar.

2. As produções (mediúnicas ou não) levam apenas o nome Marcos e dos amigos espirituais, quando for o caso;

3. Para colaborar conosco ou caso você queira nossa ajuda, basta nos contatar;

CONHEÇA O GRUPO MARCOS

4. Nosso maior compromisso é com a coerência, o estudo e divulgação da obra de Allan Kardec.

Dentre elas, a Codificação e a Revista Espírita são as principais obras que norteiam o nosso trabalho;

5. Nosso compromisso específico é com a formação da Nova Geração, sem excluir ninguém de nossas atividades;

6. Nos propomos a produzir livros e programas de vídeo e áudio, ter encontros de estudo, presencial e virtual, de modo a colaborar com o movimento espírita.

NOSSOS CONTATOS

contatogrupomarcos@gmail.com

www.grupomarcos.com.br

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE

Amigo e amiga, vamos conversar sobre a obra que você vai ler. Primeiro quero dizer que você é muito importante para o Grupo Marcos. Todos os nossos esforços têm apenas um único objetivo: aproximar os corações que amam o Cristo e querem servir mais e melhor.

Dito isso, vamos falar um pouco dos autores espirituais. O coordenador espiritual à época do início da série, o espírito Ivan de Albuquerque, explica-nos esse amigo que nessa série encontraremos, como no Novo Testamento, diferentes estilos literários, inclusive, representações simbólicas como as empregadas por Jesus em suas parábolas. Ninguém, portanto, se espante ao encontrar a mediunidade representada por uma simpática senhora. Alerta-nos o amigo que o Cristo também usou do simbolismo para melhor ensinar a verdade. E esse é o objetivo: apresentar a você a grandeza da Codificação espírita e da beleza da obra de nosso Pai. Facilmente você diferenciará o ensino simbólico da realidade objetiva como fazemos ao ler o Novo Testamento.

A coordenação das histórias é de responsabilidade de Ivan de Albuquerque e as aulas vivenciadas por Felipe, nosso personagem central, tem como autores os professores que as ministraram. Consequente-

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE

mente, cada aula ou exposição da série *Se a Mediunidade Falasse* possui autor específico.

O respeito a estes amigos que colaboram conosco nos leva a destacar que expressamos, com máximo respeito, as suas ideias, pensamentos e sentimentos. Esses Espíritos amigos são os verdadeiros autores desta obra. Para eles, o que mais importa é nos estimular o estudo e a reflexão sobre a grandiosa obra de Allan Kardec e sua aplicação em nosso dia a dia. A vaidade em aparecer não existe em seus corações e deixaram para nós a decisão de os identificarmos por pseudônimos ou como eram conhecidos na Terra. Após muito refletirmos, pois nomes conhecidos podem causar incômodo, decidimos apresentá-los com seus nomes verdadeiros, apenas por um único motivo: estimular a você, amigo leitor, a ler e estudar suas obras. Alguns deles deixaram excelentes livros que devem ser conhecidos de todos. Na medida do possível, citamos suas obras.

Em nosso caso, os encarnados, optamos por nos apresentarmos como Grupo Marcos. Assim, a atenção é direcionada para o conteúdo da obra e não para especulações que podem nos distanciar dos critérios de Allan Kardec. Afinal, deve-se avaliar a obra e não os médiuns que a receberam, pois a série *Se a Mediunidade Falasse* será recebida por diversos médiuns.

COMO FOI RECEBIDO O LIVRO

Vou contar um pouco a história deste livro. Quando começou a ser transmitido pensei que fosse uma peça teatral, depois percebi que seria um livro e em seguida uma série... Fui percebendo isso aos poucos. Como observador atento, fui descobrindo os acontecimentos, conhecendo Felipe, suas dúvidas, medos e aventuras. **Psicografar é um ato de descoberta empolgante, de convívio com os bons espíritos e de aprendizado cristão.** Isso aconteceu em meados de março de 2011. Como deve fazer todo médium, solicitei a mais de dez pessoas, que, de fato, conhecem a Doutrina Espírita para avaliarem a obra. Realizei ajustes e correções, além de duas revisões detalhadas com os amigos espirituais.

Não pensem os futuros médiuns que psicografar é tarefa “mágica”

ou automática. Psicografia é a transmissão de obra literária por meio limitado (a mediunidade) que requer atenção, análises e correções. Toda mediunidade e todo médium tem especificidades que, ora auxiliam, ora dificultam o processo de recepção. No futuro, voltaremos a essa reflexão.

Possuo a mediunidade de **psicografia intuitiva**, o que me permite estar plenamente consciente no momento em que psicografo. Muitas vezes, quando alguém me via psicografar, pensava que estava escrevendo... Efetivamente, estava, mas escrevia a história de outro escritor.

Este livro foi inteiramente psicografado em minha casa, em horários combinados com os amigos espirituais, após a preparação do ambiente espiritual com o auxílio do Culto do Evangelho diariamente, o que se tornou um hábito que mantenho de segunda a sexta-feira. Ensinam os bons espíritos que a casa do cristão deve ser um lugar de elevada vibração espiritual. Acredito que devemos nos esforçar para atingir essa meta apesar de nossas limitações pessoais.

Para concluir, quero falar da alegria que sentimos com nossa publicação! Sonhamos em ter contato com vocês, jovens amigos! Sabemos que muitos entenderão e se empolgarão com a proposta de nosso grupo, sejam bem-vindos ao Grupo Marcos! Entrem em contato conosco. Queremos multiplicar o número de amigos e de trabalhadores cristãos! Quem sabe um dia não nos conheceremos?

Acima de tudo, queremos dizer, se este livro está em suas mãos, estamos muito felizes! Nosso sonho começa a se concretizar e convidamos você a fazer parte dele. Boa Leitura. É o desejo de todos que formam o Grupo Marcos!

PREFÁCIO

O livro que agora te entregamos é um exemplo de como um espírito inferior pode – e deve – tornar-se verdadeiro servidor de Jesus. Não por causa de elevação súbita – o que não existe – mas por conta de disposição acentuada pela devoção à própria regeneração por meio do verdadeiro serviço ao próximo.

Estamos no mundo – a imensa falange do Consolador – para unirmo-nos a todos dos diversos graus evolutivos e das diversas opiniões religiosas para, em nome do Cristo, construirmos a Civilização do Espírito que nunca será a civilização de seita religiosa alguma! É a civilização da devoção à necessidade do próximo pela certeza íntima de que o Criador cuida de cada um em particular.

Eis aqui o mistério da superação do egoísmo desvendado – ter a convicção do amor de Deus - amor que atua na objetividade do mundo, amor que move os corpos celestes e as criaturas minúsculas que garantem a saúde material do ser e amor que estrutura o íntimo do Espírito e cria universos inimagináveis pela mente do ser encarnado – que irá atuar em tua proteção, em teu amparo. Sempre.

Não fui espírito de escol, mas, permitam-me a brincadeira, fui de escola. A extraordinária escola de Allan Kardec que prossegue formando espíritos que atuam no mundo. O Espiritismo em nosso

PREFÁCIO

plano reveste-se de uma grandeza indescritível, pois alia-se a capacidade do educando de perceber as realidades profundas apresentadas pelo codificador. Sim, o codificador – aquele que reorganiza o saber espiritual da Terra com vista à construção do Bem no mundo – permanece como nosso educador sábio e generoso.

Trismundo é o símbolo do Espírito ativo em busca de si mesmo com o amparo do Cristo. Eurípedes, esse fiel discípulo da primeira hora, nunca abandonou a ninguém em sua luminosa trajetória espiritual, que se caracteriza pela assunção de responsabilidades extraordinárias para proporcionar amparo profundo a milhares de seres que cruzaram seu caminho. Eurípedes soma à sua existência de devoção em Sacramento milênios incontáveis de serviço abnegado aos que mais sofrem. Não poderia ser outro o perfil do líder da Nova Geração.

Irmãos, amigos. Despeço-me emocionado com a possibilidade do contato com os que amo, os estudantes da verdade. Se a Terra, por vezes, vos parece esse terrível campo de batalha emocional, vos asseguro, aos vitoriosos das lutas pelo bem, a verdadeira felicidade.

Herculano.

EGOÍSMO E ORGULHO

Trismundo observa com atenção o jovem que se levanta para ler. Espanta-se. Como alguém tão moço pode colaborar com um mestre tão sábio? Pergunta-se. Trismundo ainda está viciado com uma grave doença da Terra: valorizar a aparência mais do que a essência. Isso é o que exclui os jovens de atividades consideradas mais importantes, pois eles não aparentam, externamente, estar preparados.

José olha para ele e comenta.

— Meu amigo, se você soubesse como era a aparência de Jesus, quando encarnado, nunca pensaria desta forma.

— Eu...Eu... Balbucia assombrado e conclui, me desculpe.

— Importante é que você, meu amigo, comece a entender que na vida verdadeira e para os que amam a verdade a única aparência que importa é a do coração. As vibrações que partem do ser e não como ele está externamente.

— Obrigado. Agradece constrangido.

Paulo inicia a leitura.

O Orgulho e o Egoísmo

Suas causas, seus efeitos e os meios de destruí-los.

GRUPO MARCOS

É evidente que a maioria das misérias humanas tem a sua fonte no egoísmo dos homens.

— Estamos convencidos desse fato? Ou ainda queremos culpar o outro – seja governo, pai, mãe, companheiro/a – por nossa infelicidade? Comenta José e pede para prosseguir.

Desde que cada um pensa sempre primeiro em si mesmo e quer a sua própria satisfação acima de tudo e a qualquer preço, consequentemente sacrifica, sem escrúpulo, os outros, tanto nas menores como nas maiores coisas. Tanto nas questões materiais como nas questões emocionais. Disso nasce todas as disputas sociais, todas as lutas, todos os conflitos porque cada um quer ter mais que o outro.

— Compreendido isso. Vamos a questão central: o que gera o egoísmo que faz nascer todas as misérias do mundo?

Trismundo está atentíssimo. Afinal, descobrir a origem dos males sociais é a busca de todos os homens que ao longo dos séculos estudaram e comandaram as sociedades... Fixa o professor com toda sua atenção.

O egoísmo tem a sua fonte no orgulho.

O professor para. Silencia. Deseja que todos entendam tão simples e importante afirmativa.

— O egoísmo tem a sua fonte no orgulho. Repete José.
Paulo continua.

A supervalorização da personalidade leva o homem a se considerar melhor do que os outros, e por isso com mais direitos, aborrecendo-se com tudo o que seja uma limitação ao que julga merecer. A importância que ele, por orgulho, pensa ter, tem a consequência de o tornar egoísta.

— Rousseau, comenta José, nos ensina que tudo sai perfeito das mãos do Criador dos mundos. Concordamos com o filósofo educador e indagamos: de onde nasce o orgulho? O que é o orgulho? Vejamos a

resposta do codificador que foi aluno de Pestalozzi, que era seguidor de Rousseau.

O egoísmo e o orgulho nascem de num sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm uma razão de existir e têm uma função útil e importante, porque Deus não faz nada inútil. Deus não criou o mal; o mal foi o homem que o produziu, quando abusa do que Deus lhe dá, usando erradamente seu livre arbítrio. Esse sentimento, o orgulho, dentro de limites equilibrados, é algo bom em si; é o exagero que o torna mau e nocivo; é a mesma coisa com todas as paixões que o homem, frequentemente, desvia de seu objetivo natural. Deus não criou o homem egoísta e orgulhoso; criou o homem simples e ignorante; foi o homem que se tornou egoísta e orgulhoso exagerando o instinto que Deus lhe deu para a sua conservação.

— Entendamos isso com o intelecto e com o coração e saberemos conduzir melhor nossas vidas e instituições espíritas. Primeiro: nada que existe é mal em si, nada. Se entendermos isso, não seremos como os atuais puritanos espíritas que fogem do mundo por medo de contaminação, que elaboram dezenas de regras mediúnicas fundadas em seus medos, com a ilusão de garantir um fenômeno puro. Tudo o que existe é essencialmente bom. Apenas o excesso, a distorção, torna o bom sentimento em algo prejudicial.

Trismundo está chocado! Sempre associou a religião verdadeira a algo puro, imaculado... Sempre pensou o mundo entre pureza e imundície, agora aquele espírito simples e iluminado lhe fala algo tão diferente...

— Tudo o que existe é bom, o excesso, o abuso é que transforma o bom em mau. Conclui José.

— Podemos classificar o desejo de poder como algo bom? É a pergunta que Trismundo queria fazer, feita por outra pessoa.

— Sim, responde José, olhado para o participante que perguntou e depois para Trismundo. O desejo de poder nasce de nossa origem divina. Queremos, desejamos ter capacidade de realizar, de nos

sentirmos seguros, de ajudar. Não foi isso que fez o Cristo no mundo?
O problema nasce quando nosso desejo de poder torna-se desejo de poder excessivamente egoísta!

A resposta caiu como uma bomba na mente de Trismundo. O quanto esse conceito é transformador! Tenho jeito, pensa Trismundo, que desde que foi ajudado por Anastácio, não sabia como lidar com a auto-culpa.

— Exatamente. O desejo de poder, como todos os desejos, tem origem divina. Não somos seres perdidos ou perversos, precisamos apenas saber guiar nossos desejos, desligá-los do excesso de egoísmo.

— Mas falar que Jesus tem desejo de poder não é uma blasfêmia? Pergunta um ex-dirigente espírita que após o desencarne voltou a assumir seu psiquismo mais profundo, vigário católico.

— Não está no Evangelho de Lucas, no capítulo 13, versículo 34, que Jesus lamentou por Jerusalém e afirmou que queria poder protegê-la como uma galinha protege seus pintinhos... Não é isso um desejo que fica limitado? Eis aí a diferença! O Cristo restringe seu desejo – que não é egoísta - para respeitar nosso livre-arbítrio, fosse o desejo do Cristo egoísta, ele imporá sua proteção a todos de forma a não nos permitir errar. Responde José.

A cabeça de Trismundo está a mil. Nunca imaginara encontrar com alguém tão culto, simples e verdadeiro. No mundo conhecera muitas pessoas, mas não com aquelas qualidades. O desejo de poder, de fazer a própria vontade é saudável, desde que não seja egoísta.

— Como entenderíamos isso em relação aos desejos sexuais? Pergunta Stênia, uma freira verdadeiramente espiritualizada.

Como poderia, pensa Trismundo, uma freira tão mais iluminada ao lado de um ex-dirigente espírita sem nenhuma luz? Resolve perguntar isso depois para Anastácio.

— O desejo sexual é o desejo de criação. Quando utilizado para aproximar pessoas que se amam e respeitam, quando direcionado para a construção da beleza, na poesia, nas escultura, na literatura — pois toda criação envolve energia sexual – temos a boa utilização do desejo sexual. Infelizmente, muitos usam o sexo como fonte de prazer destrutivo, como meio de fugir do mundo e de si mesmo, como energia destruidora das emoções superiores, mas a fonte do desejo é e será

sempre sublime. Quem polui o rio deverá por séculos beber água impura, mas a fonte generosa é sempre pura e todos podem alcançá-la quando quiserem. Ainda aqui, temos a mesma distinção: energias sexuais utilizadas de forma correta e energias sexuais utilizadas de forma excessivamente egoísta! Mais dúvidas? Ante o silêncio, continua.

— Voltemos a questão central de nosso encontro: como organizar um centro espírita que não estimule o egoísmo que é filho do orgulho? Primeiro entendendo que a origem do orgulho não é má, na verdade, é divina, segundo Allan Kardec, é o instinto de conservação. Essa é nossa primeira pista para desvendarmos o enigma. Precisamos agora entender, quando e como o instinto de conservação passa a ser orgulho que gera o egoísmo e os verdadeiros males da humanidade.

Trismundo que sempre foi exigente em relação as pessoas, se belisca e pensa: o que estou vivendo é verdade? Pode alguém compreender tão profundamente os problemas sociais e chegar a orientações reais e práticas? Sempre ouvi muitos intelectuais que têm apenas muitas teorias! O jovem continua lendo.

Os homens não podem ser felizes, porque não vivem em paz, isso significa, eles não vivem segundo um sentimento de bondade, de compaixão e de compreensão mútua, resumindo, os homens não podem ser felizes, enquanto buscam se esmagar uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; mas exigem, para existir, a abnegação; ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; portanto, existindo estes vícios, não existe verdadeira fraternidade, conseqüentemente, não existe igualdade e liberdade, porque o egoísta e o orgulhoso querem tudo para eles. Serão sempre os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto eles reinarem, os sistemas sociais mais generosos, mais inteligentemente organizados, irão falir sob os seus golpes. É bonito, sem dúvida, anunciar o reino da fraternidade, mas para que serve se existe uma causa destruidora? É como construir em areia movediça; ou como declarar que deve existir saúde para uma região infectada de doença. Numa região como essa, se quisermos garantir o bem dos habitantes, não basta enviar médicos, porque eles morrerão como os outros; é necessário destruir as causas que geram as doenças. Se quereis que vivam os homens como irmãos

sobre a Terra, não basta lhes dar lições de moral; é necessário destruir a origem do mal: o orgulho e o egoísmo. Aí está a doença que merece toda a atenção daqueles que querem seriamente o bem da Humanidade. Enquanto esses obstáculos existirem, os que desejam seriamente o bem da Humanidade, verão seus esforços paralisados, não só por uma resistência do comodismo, mas por uma força ativa que trabalhará, sem cessar, para destruir a obra do Bem, porque toda ideia grande, generosa e emancipadora, arruína as pretensões pessoais.

— Eis uma pista verdadeira e importante — a abnegação é a base da fraternidade e da caridade. Portanto, devemos fazer essa pergunta: **nossas atividades estimulam a abnegação?** O que realmente nos estimula a participar das atividades espíritas? Sentir alívio de nossas dores e apenas beneficiar os que amamos? Utilizar os nomes dos bons espíritos para nos sentir importantes? Participar de uma instituição que é mais famosa ou maior que as outras? Uma instituição que alimente esses sentimentos é contrária aos ensinamentos do Cristo e de Kardec.

Após silêncio, continua.

— Abnegação. O que significa? Começemos com o que não é abnegação: desejo de aparecer, de artificialmente se sentir melhor do que os outros, mais importante, mais famoso. Seja como trabalhador, seja por estar perto de quem é famoso! Isso não é abnegação. Abnegação é não desejar ser melhor, é não querer ser o mais famoso ou o mais respeitado. Abnegação é trabalhar mais e aparecer menos. Assim deve ser a conduta individual e institucional. Voltarei a este ponto. Como sei que todos lerão, após nosso encontro, este magnífico texto, peço que Paulo compartilhe conosco como sintetiza as orientações que seguem.

— Bem, responde Paulo organizando as ideias, Allan Kardec vai ensinar combater o orgulho. Se fosse impossível acabar com o orgulho, o mundo não teria jeito. Felizmente, os fatos provam que o ser humano progride! Aponta o codificador que existem seres desprovidos de orgulho nos quais o sentimento de abnegação, amor e verdadeira humildade são tão naturais que não se duvida que a pessoa nasceu dessa forma. Eles são minoria, mas, pelo simples fato de existirem, provam que é possível existir seres humanos generosos e fraternos em todas as ocasiões da vida. O desafio central, portanto, é: como tornar a

minoria em maioria? Como aniquilar as causas que alimentam o mal? A primeira ideia, a ideia principal que estimula os excessos do orgulho e do egoísmo, é a ideia mentirosa de que tudo termina com a vida material, é a ignorância do ser sobre seu passado e sobre seu futuro. E essa ignorância, seja como dúvida do futuro ou como convicção materialista, faz o ser voltar todas as suas energias e desejos para o presente, para a satisfação dos desejos inferiores sem nenhum limite e equilíbrio. Assim, a verdadeira fraternidade torna-se impossível, porque a fraternidade sempre exige algum tipo de sacrifício que o ser amesquinhado por sua ignorância se recusa a fazer. Conclui Paulo.

— **Chegamos aqui ao ponto central. Agora podemos responder a questão de nosso encontro: como fazer que homens e mulheres ajam abnegadamente? Ensinando e provando ao indivíduo que ele tem um passado, um presente e um futuro.** Ensina Kardec, enquanto se ignora de onde se veio e para onde se vai a consequência é óbvia: o ser humano ligar-se ao imediatismo do mundo.

— Como fazer isso? Indaga intrigado o ex-espírita.

— Reencarnação, lembrança entre encarnações e contato com os desencarnados.

— Sim, mas isso já é ensinado desde que surgiu o Espiritismo... Comenta o ex-espírita.

— A verdade é que não é ensinado. É apenas pregado; e entre ensinar e falar existe um oceano de diferenças.

— Como assim? Questiona novamente.

— Amigo, uma das diferenças entre o Espiritismo e as outras nobres denominações religiosas é que Espiritismo é ciência, e só se aprende ciência com prática. Não há outra forma. Os centros espíritas que se negarem a educar seus frequentadores e preparar-lhes para que vivenciem as experiências espíritas ficarão na infância do Espiritismo. Na verdade, se tivermos como modelo a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, não deverão sequer ter esse nome, serão instituições de divulgação no máximo. O que precisamos hoje são instituições de pesquisa e vivência espírita. Os que estão familiarizados com a história do Cristo entendem que o Mestre nunca apoiou a mera divulgação teórica, quando enviou os apóstolos para anunciar a Boa Nova, definiu bem o que isso significava “ressuscitais os mortos, expulsai os demô-

nios, curai os enfermos e anunciai o Reino de Deus”. Para o Cristo, não há ensino real sem vivência. Não acredito que o modelo do palavreado espírita com adulação de palestrantes e médiuns seja o modelo certo. Desculpe-me, mas quando um orador espírita dedica-se mais em pregar do que em praticar há algo de errado no modelo.

— Então você é contra as palestras espíritas? Indaga, mostrando-se abalado.

— Sou contra o modelo atual, sim. Vemos uma verdadeira indústria de promoção de indivíduos. Paulo de Tarso foi o grande orador cristão e nunca em sua vida deixou de amparar enfermos e auxiliar nas igrejas nascentes para simplesmente falar. A pregação tem o valor da vibração espiritual de quem fala e que valor têm aqueles que mais pregam do que fazem? Na atualidade, todos falam de todos os assuntos, isso é infantil. Há duas exigências para que se fale de um assunto com um mínimo de propriedade, a primeira é conhecimento aprofundado – estudo e reflexão; a segunda, é vivência. Não basta repetir o que se ouve de alguém famoso – e ser famoso não é o mesmo que ser evoluído, diga-se de passagem – assim não teremos Paulos e sim papagaios e muito mal treinados! Conclui com firmeza e bom humor.

Muitos riem. Após um instante, prossegue.

— Sim. Está na hora das instituições espíritas mais ligadas a Kardec e ao Cristo instituírem programas que preparem todos que queiram aprofundar seus conhecimentos espirituais de forma prática. Assim fez Jesus de Nazaré. Preparação séria. Diálogos, estudos, processo educativo de superação do medo e muita vivência. Os fariseus não poderão parar esse programa, pois ele nasce da necessidade de espiritualização dos habitantes da Terra e a Nova Geração irá implantá-lo no mundo, queiram ou não, aqueles que pensam mandar no movimento do Consolador. Conclui. Paulo continua.

— Kardec, como educador, fala algo extraordinário sobre o que é a educação espírita, diz o codificador, quando o homem se identificar com sua vida futura, irá mudar completamente. Ora, identificar-se não quer dizer simplesmente saber que existem espíritos e que ninguém morre. É algo mais profundo. Quais as consequências desta identificação? O ser que entende que é imortal, não se ilude, sabe que pouco tempo passará na Terra, uma péssima habitação, e que pode ir para

uma excelente morada ao morrer. A vida terrena: curta, triste, efêmera, perde seu interesse em relação a vida infinita, bela e eterna; por isso, sacrifica seu bem estar material para conquistar uma felicidade superior. Passa a entender que tudo no mundo nada mais é que acessório a ser utilizado por ele para conquistar uma condição feliz no futuro. Não tem interesse em enganar ninguém nem em tomar o que não lhe pertence. Sabe que existem tesouros infinitamente mais valiosos e dedica-se a eles.

Acrescenta José.

— É isso que queremos — **a identificação do ser com a vida futura!** – o que é isso? Um conceito vago e confuso? Não. É uma realidade emocional, existencial. Não podemos estacionar nas importantíssimas descrições da vida espiritual, é preciso auxiliar o indivíduo a entender, a sentir-se espírito imortal. É neste momento que começa a profunda revolução espiritual. É a vivência associada ao sentimento.

Paulo prossegue.

— Uma vez explicada a mudança em relação aos bens materiais, Kardec explica a mudança em relação ao orgulho. Afirma que a causa do orgulho está na ideia de superioridade individual. O incrédulo não tem motivo para combater o orgulho e tudo o que lhe acontece é apenas seu mérito ou fruto da boa ou má sorte. Somente a reencarnação, segundo Kardec, pode mudar em profundidade essa ideia ilusória. Entendendo que muito já errou, que imensa foi a atuação da Providência a seu favor, o orgulhoso se transforma. Saber que já foi mais atrasado do aqueles a quem julga inferior é um golpe terrível, mas, educativo, para o orgulhoso. Ainda mais terrível, ao orgulhoso, é saber que aquele a quem ele despreza, pode alcançar, no futuro, uma posição espiritual superior da dele. Isso o fere dolorosamente, mas o transforma ao fazê-lo sentir que a igualdade é uma lei universal. Conclui Paulo lendo o trecho.

No campo imenso do infinito que o Espiritismo lhe faz entrever, sua importância pessoal se anula; compreende que sozinho não é nada e nada pode; que todos têm necessidade uns dos outros; duplo revés para o seu orgulho e o seu egoísmo.

— Usando a palavra sábia de Kardec, repito, é preciso provar! Comenta José.

— Mas o codificador não proibiu experiências com regressão de memória, de lembrança de vidas passadas? Pergunta o ex-espírita, mais uma vez.

— Não amigo, isso não é verdade. Como você pode constatar em O Livro dos Espíritos nas questões 395, 396 e 397.

395. *Podemos obter alguma revelação a respeito de nossas antigas existências?*

"Não em todos os casos. Há, no entanto, muitos que sabem quem foram e o que fizeram. Se lhes fosse permitido falar abertamente, eles fariam curiosas revelações sobre o passado".

396. *Algumas pessoas acreditam ter uma vaga lembrança de um passado desconhecido, que vem antes deles como a imagem fugidia de um sonho que em vão se esforça para recordar. Essa crença é apenas uma ilusão?*

"Às vezes é real, mas, muitas vezes é uma ilusão que se deve evitar, pois pode ser apenas o efeito de uma imaginação excitada".

397. *Nas existências corpóreas de natureza mais elevada que a nossa, a reminiscência de nossas existências anteriores é mais exata?*

"Sim, na proporção em que o corpo é menos material, o espírito encarnado lembra mais claramente. A lembrança do passado é sempre mais clara naqueles que habitam mundos de ordem superior."

— Os espíritos fazem questão de destacar a compreensão de que todos no futuro vamos saber de nosso passado. Se isso fosse contrário a Lei de Deus, isso não ocorreria nos mundos superiores. Na Revista Espírita, Allan Kardec comenta claramente sobre a lembrança de vidas e confirma as informações com seus guias espirituais.

— Mas os espíritos não dizem que o esquecimento é uma benção?! Indaga o ex-espírita.

— Sim, certamente. Para lembrar de todas as existências é preciso estar muito preparado. Temos dificuldade de perdoar e de nos perdoar, por isso, o esquecimento é um ato de misericórdia. Diferente é preparar-se e lembrar episódios importantes ou algumas existências para termos a prova e não apenas o conceito da reencarnação. Quem não consiga lembrar ou não queira, que estude, que entreviste os amigos do centro sobre suas lembranças. Isso é mais real e edificante do que apenas ouvir sobre o assunto. Continuemos.

Paulo retoma a apresentação do texto.

— Essa transformação - ou melhor - a contínua destruição do egoísmo e do orgulho apenas pode se dar com o fundamento da fé. Ensina o codificador que sem a fé o espírito está condenado a viver a **rotina do presente**. Porém, a fé que Kardec afirma ser poderosa o suficiente para esta cruel batalha é a fé fundamentada, lúcida e corajosa, constituída de raciocínio e de provas objetivas da imortalidade da alma. Após um breve silêncio, Paulo continua.

— Depois de iniciado este processo, o egoísmo e o orgulho pouco a pouco desaparecem, porque perdem o sentido. Nada justifica sua existência, nada o estimula. O ser aprende, emocionalmente, a reconhecer o que tem valor real. As relações se modificam, os valores se transformam. O ser adquire o que chamo de bom gosto espiritual. As vibrações de disputa e calúnia o desagradam, as emanações de alegria fraterna o estimulam e dão prazer. Alerta Allan Kardec em nome do Espiritismo: nada na natureza ocorre de forma brusca, mágica. O ser condicionado, embrutecido pelas paixões inferiores, não pode se tornar abnegado instantaneamente. Precisa de tempo, muito tempo, para assimilar ideias elevadas que muitas vezes o confundem. Devemos, portanto, entender o Espiritismo como um formador de novos seres ao invés de um transformador instantâneo de pessoas e instituições. E, acima de tudo, entender que aceitar as verdades espíritas é apenas o primeiro e mais básico passo para a transformação íntima. Ninguém torna-se evoluído por conhecer toda a codificação, mas sim por aplicar as verdades da codificação na própria vida. Conclui Paulo.

José agradece a Paulo por sua síntese e fala.

— Eis aqui o que propomos: instituições que não apenas pregam, mas vivenciem; espíritas que não apenas digam, mas provem; atenção no que é espiritual e não material. José cala-se. Fecha os olhos um instante e ao abri-los eles jorram luzes, continua o professor. Estamos aqui, amados amigos e amigas, por um nobre motivo: A Nova Geração encontra-se no mundo, quem a ela quiser se vincular para evoluir e transformar a Terra, prepare-se.

Após uma pausa, prossegue.

— Apresentamos o modelo geral da nova instituição espírita que, na verdade, é a simples e natural continuação da Sociedade Parisiense

de Estudos Espíritas. Quem investigar as práticas de Kardec na Revista Espírita vai constatar que nunca o mestre foi contrário a lembranças de outras existências nem a recepção de informações sobre planos reencarnatórios. Muitos dirão – isso irá gerar orgulho — respondo-lhes, segundo Allan Kardec, a maior causa de orgulho e egoísmo é a ignorância espiritual. Doemos o pão da imortalidade à próxima geração espírita e ela mudará a Terra. Muita paz. Muito obrigado.

Trismundo está emocionado. Na verdade, está banhado em lágrimas. Ele e a tão sofrida sociedade terrena têm solução. Não é algo mágico nem instantâneo, mas há uma solução: espiritualizar-se, conhecendo e vivendo as verdades espirituais! Como tudo teria sido diferente se tivesse acesso às experiências que o educassem na última encarnação... Pensa.

— Não lamente, afirma Anastácio, você terá e muito. O futuro é glorioso para todos os trabalhadores de boa-vontade. Vamos, quero lhe apresentar José.

— O professor? Trismundo não acredita.

Anastácio sorri.

— Sim, amigo. No mundo cristão o que conta é a luz que carregamos e a real boa vontade. Você, por coragem, irá assumir muitas responsabilidades, queremos que esteja muito preparado.

— Assim enfrento até um trem! Responde empolgado.

E enfrentará, não se engane. Como ensina Kardec: **toda ideia grande, generosa e emancipadora, arruína as pretensões pessoais**, consequentemente, há quem não goste delas.

— Se não houvesse dificuldade, meu salário seria pequeno, não é verdade? Comenta Trismundo.

— Verdade. Responde Anastácio.

Ambos riem. Anastácio leva-o para apresentar a José.

José o cumprimenta e diz.

— Contamos muito com você. Saiba que você poderá ser um auxiliar importante na obra dos bons espíritos.

— Mas, porque eu? Indaga Trismundo.

— Bem, amigo. A resposta é simples, você tem coragem, isso é importante. Muitos espíritas dedicados e sinceros, ante o desafio de discordar dos mandões do movimento, se calam, emudecem, outros

ainda dizem que isso é caridade... E veja onde chegamos, proíbe-se a mediunidade para os jovens e estimula-se a tal da fama mediúnica e de palestrantes...O Chico, que se tornou famoso pela obra, nunca saiu fazendo autopromoção e sempre foi contra cobrar para vê-lo falar, dizia mesmo que não ia a lugares que as pessoas tivessem que pagar para vê-lo. Tudo mudou... Mas por pouco tempo. Você não precisará brigar com ninguém, apenas apresentar o pensamento de Kardec de forma clara e objetiva. A Nova Geração nasce com critérios mais lúcidos e na dúvida consultarão a Codificação, a Revista Espírita e quem merece, de fato, ser modelo. É compreensível que em um primeiro momento muitos espíritas estejam condicionados pelos padrões dos religiosos formais, agora tudo vai começar a mudar, sabe por quê?

— Não, responde Trismundo.

— Porque ao chegar aqui eles se decepcionam! Achavam que bastava ser amigo de médium famoso, bajular palestrantes e dirigentes — como no passado em outras religiões — para garantir a salvação. Que nada! Às vezes, o bajulado está bem pior que o bajulador...

— É verdade? Indaga Trismundo que precisará de tempo para assimilar tudo.

— Sim. O lado bom da história é que, após profundas decepções, reencarnam “vacinados” contra o vírus da bajulação e em vez de bajular vão trabalhar! Assim, pouco a pouco, muda o mundo.

— E a Nova Geração? Indaga Trismundo.

— Esse é o melhor assunto, mas ficará para outro momento. Venha me visitar e conversaremos sobre ele. É uma bela e longa história que apenas se inicia.

Despedem-se. Anastácio, grande amigo de Herculano, abraça-o e agradece.

A ROTINA DO PRESENTE

Dois dias depois, Anastácio e Trismundo encontram-se para conversar. Apesar de morarem na mesma casa, devido as tarefas de resgate espiritual, seu guia estava na crosta da Terra.

— Vamos caminhar no bosque das oliveiras? Convida Anastácio.

— Sim, é mais um belo lugar que irei conhecer.

— Como sabe que é belo? Indaga o guia.

— Até agora nada vi de feio por aqui e acabo de ler sobre a vida de Eurípedes, sei que simplicidade, elevação e beleza andam juntos no coração do amigo de Sacramento.

— Que leste de tão interessante sobre Eurípedes?

— É um livro intitulado, **Meu Amigo: Eurípedes Barsanulfo**, você conhece? Pergunta Trismundo brincando.

Ambos riem.

— Sim, ouvi falar. Conte-me o que mais lhe interessou na vida de nosso benfeitor.

— Este livro me levou a outro, **A Grande Espera**, escrito pelo próprio Eurípedes. A leitura dos dois pôde me dar uma ideia da grandeza dessa espírito.

— Conte-me. Fala Anastácio interessado em conhecer a opinião de Trismundo.

— Imagine. Há dois mil anos Eurípedes já era um espírito lúcido e profundamente equilibrado; há cem anos deu um testemunho inegável do poder do espírito sobre a matéria e deixou claro a função da mediunidade na educação da juventude. O que realizou, em público, com milhares de testemunhas que acompanharam sua vida na pequena cidade de Sacramento, deveria ter sido suficiente para que todo movimento espírita o reconhecesse, no mínimo, como um modelo a inspirar as práticas espíritas. O que pergunto é por que o movimento mal o conhece e como não consideram seu exemplo? Além do mais, foi sempre amparado por Bezerra de Menezes. Como podem os espíritas não valorizarem esses exemplos?

— Pensei que iríamos conversar amenidades... Comenta Anastácio.

— Isso me intriga muito. Sei que dediquei minha última existência a lutar por conquistas materiais e poder, mas eu não sabia... Será que quando me tornar espírita no mundo irei também fugir destes exemplos? Isso me preocupa de fato.

— Essa é a questão central, meu amigo. Por que tantos preferem ignorar os exemplos verdadeiros, os modelos de ação dos espíritos superiores e seguir modelos materializadores? Por que tanta fama de quem não tem evolução e tanto esquecimento dos verdadeiramente grandes? É fuga inconsciente. É melhor “aceitar” como modelo o que é mais cômodo, o que não impulsiona a transformação verdadeira, que é sempre um tanto dolorosa... Por isso, pouco se fala dele e quase nunca se adota o modelo de trabalho que ele exemplificou.

— Você pode me dar exemplos? Pede Trismundo.

— Sim, um em cada área. Na educação proíbe-se os jovens de participarem de cursos mediúnicos sem nenhum critério espírita, sem conversar, sem avaliar, proíbe-se e pronto.

— Por quê?

— Porque é mais fácil proibir do que assumir a responsabilidade de educar. Porém, Eurípedes deu exemplo diferente. Conversar, ser amigo, aprender a avaliar e orientar a evolução de cada um, dando oportunidade de crescimento individualizada. Na área dos estudos, vemos palestras e mais palestras, mas quantos debates fundamentados

no conhecimento de Kardec e de autores como Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozano e outros? O sujeito sobe na tribuna, fala, fala e pronto. Não fundamenta, poucos apresentam pesquisas sérias. No colégio Allan Kardec não era assim, Eurípedes estimulava mais o crescimento de seus jovens alunos do que nossos encontros espíritas que se apresentam como científicos.

— Não seria possível adotar o modelo de Eurípedes?

— Claro que sim. Verdade seja dita é o modelo de Eurípedes, mas também o de Kardec. É possível, mas daria muito trabalho. Precisaria se conhecer os autores citados e as atuais pesquisas.

— Então como fazer isso na prática?

— É necessário criar uma nova cultura. Isso não acontece do dia para noite, mas é preciso começar. Solicitar trabalhos a serem avaliados e serem apresentados em congressos é um começo viável. No aspecto social, é a mesma coisa. Eurípedes fundou um colégio e uma farmácia. Tentaram matá-lo por fornecer educação e saúde gratuita aos pobres e ricos que o procuravam. Hoje, como estão nossas obras sociais?

— Sopa! Diz Trismundo, sempre associei o trabalho social espírita a sopa.

— A distribuição de alimentos, agasalhos e remédios é importante. Por que não fazer em bases mais sólidas? Por que não criar restaurantes populares, porque não criar farmácias homeopáticas e fitoterápicas?

— Isso dá muito trabalho.

— Exatamente, Trismundo. O espírita encarnado ainda não entendeu que evoluir praticando a Caridade exige sacrifício. Muitos dirão, minha vida já é tão atribulada... Mas não seria parte da solução uma dedicação mais intensa a obra do Cristo? Outros, vão ao centro espírita em busca de forças para viverem suas fantasias que acabarão, como sempre acabam, em sofrimento e dor. Essencialmente, o difícil é o espírito encarnado entender que seus reais interesses não estão no mundo da matéria densa. Mudar isso é a batalha do Cristo há muito mais de dois milênios.

Anastácio silencia.

Trismundo, observando a linda paisagem que leva ao Bosque das Oliveiras, caminha pensativo.

Chegam.

— Vamos sentar lá em cima. Fala Anastácio, apontando para um monte.

Ao atingirem o alto, comenta Trismundo.

— É belíssimo.

— O bem sempre surpreende em paz e beleza. Essa é uma lição que aprendi com Eurípedes. A generosidade de Deus é infinita! Por isso, lamentamos a todos que fogem da felicidade. Observe aquela estrela longínqua.

— Sim, vejo.

— Estive lá, há alguns anos. Ela é cercado por planetas que são mundos superiores. Lá pude visitar três mundos, três planetas. Tão belos e quanto diferentes. A beleza, a ordem, a harmonia tem expressões tão diversas e cativantes! Comenta Anastácio empolgado.

Trismundo que nunca imaginara que Anastácio tivesse essas experiências pede que ele fale sobre esses mundos.

— Falarei. Isso faz parte de sua preparação. Os encarnados precisam conhecer modelos de sociedades superiores para entenderem que o sacrifício de se educar compensa mil vezes.

Anastácio respira fundo como que contendo a emoção e fala.

— Não há trabalhos rotineiros nem monótonos. Na verdade, do ponto de vista de seus habitantes, as rotinas seriam degradantes. Eles descobriram a beleza extrema da harmonia dinâmica em tudo o que fazem. Os desafios nunca apresentam angústias e medos; as conquistas nunca representam a diminuição de ninguém; as descobertas são sempre transformadas em benefícios dos outros. Alegram-se em ajudar; em criar em todas as áreas do saber. Há muito não sabem o que é violência, miséria, disputa de poder. A morte é suave e o contato com os que amam nunca é interrompido. Acompanhei um desencarne em um destes mundos. Mais parece com uma cerimônia de conclusão de curso da Terra; menos de uma hora depois do desencarne presenciei uma linda cena. O desencarnado apresentou-se iluminado aos olhos dos familiares e plasmou em uma tela uma pintura que expressava os rostos dos seres amados expressando – por forma e cor e brilho – características da relação emocional que construíram. Uma lembrança de

gratidão. Nunca imaginei, continua Anastácio emocionado, que a morte pudesse se revestir de tanta paz e de tanta beleza.

— Se os momentos difíceis são vividos assim, como seriam os encontros mais felizes? Pergunta Trismundo.

Anastácio, após alguns minutos de silêncio, em que observa a estrela, comenta.

— Amigo, ainda estamos tão longe de compreender a completa felicidade, que é viver em comunhão verdadeira, que precisamos nos preparar para uma dia descobri-la. A vida na Terra é tão curta e podemos alcançar tanta paz em uma encarnação bem vivida, como os espíritos não veem isso?

— Eu que perguntei isso! Diz Trismundo brincando.

— É verdade. Quando encarnados, quase todos fugimos da felicidade. Trocamos o tesouro da alegria verdadeira por meia dúzias de satisfações grosseiras e efêmeras. Comenta Anastácio e conclui. Todo o problema se resume no orgulho, no interesse próprio míope e burro.

— E o que fazer para nos libertar desse vício emocional?

— Quebrar com a rotina do presente, fazendo o ser encarnado identificar-se com a vida espiritual. Responde Anastácio.

Trismundo se deu conta que já tinha ouvido muito. Precisava de algum tempo para melhor entender. Ficaram em silêncio por algumas horas, admirando a beleza da cidade de Eurípedes e a beleza do universo visto de um plano superior.

CAFÉ COM JOSÉ

Trismundo passa uma semana avaliando suas novas responsabilidades, bem como os erros que cometeu e o que faria para evitá-los na próxima encarnação. Sabe que irá discutir essas questões com Paula, ainda uma vez com Eurípedes, e constantemente com Anastácio. Quantas questões surgem em seu íntimo! Seu passado espiritual, a situação de quantos deixou na Terra, e, acima de tudo, como se preparar para vencer. Queria ter uma encarnação vitoriosa. Cansava-lhe a angústia do fracassado, doía-lhe as chances desperdiçadas. Às vezes, pensava, quem poderia acreditar, vendo-o agora, que era um fracassado e não o milionário Trismundo! Como são passageiras as riquezas da Terra e como exercem tão poderosa ilusão na grande maioria dos homens... Estou decidido, vou fazer tudo o que for possível para evitar cair mais uma vez nas garras da ilusão do mundo, pensa.

Durante as manhãs frequenta a Biblioteca Felipe, o apóstolo. A tarde é reservada para as caminhadas refazentes nos bosques da cidade e para meditar. À noite, aguarda ansioso Anastácio, quando ele não está em missão na Terra, para conversar, tirar dúvidas e sentir-se amparado.

Um dia ao chegar de uma difícil missão na Terra comprida apenas

parcialmente por causa da limitação de um centro espírita que seria o apoio. Anastácio pergunta a Trismundo.

— Você já se deu conta da dificuldade dos centros espíritas em aceitar a evolução de suas atividades a partir das metodologias que aqui desenvolvemos?

— Ainda não, mas penso que será mais fácil do que implantar a melhoria em empresas, afirma Trismundo que conhecia a dificuldade que os funcionários de suas empresas tinham em adotar um nova tecnologia ou mudar algum método de trabalho.

— Claro que não, Trismundo. No mundo, para muitos, a atividade espírita é mera atividade secundária que não precisa ser aperfeiçoada com estudo e inteligência. Por isso, precisamos de sua ajuda meu amigo. Sabemos como você foi capaz de renovar as atividades de suas inúmeras empresas. Agora você deverá fazer isso sem interesse econômico. Explica Anastácio.

— Entendo... Mas para saber como inovar, como aperfeiçoar da forma correta, precisarei conhecer o Espiritismo a fundo. Acredito que a aplicação dos princípios espíritas na estruturação das casas espíritas deverá ter um impacto imenso no mundo, pois, se tanto conseguimos com as teorias e pesquisas da administração, o que não podemos fazer com uma teoria que é a expressão da própria Lei de Deus? Fala Trismundo empolgado.

Anastácio, sorri feliz e diz.

— É verdade. É essa a exata compreensão que precisamos desenvolver. Eurípedes, por exemplo, aplicando os princípios espíritas, criou uma farmácia e um colégio de excelência. Obteve extraordinários resultados em ambos.

— E por que os espíritas não fazem o mesmo? Indaga Trismundo.

— Isso você sabe, não é? Responde Anastácio.

— Sei sim. A grande maioria se acomoda. Não quer ter problema, mesmo que a empresa esteja indo a falência ou no caso, ainda mais grave, mesmo que o trabalho do Cristo não esteja sendo adequadamente executado.

— Acho que você poderia passar uma noite sem dormir... Fala Anastácio.

— O que você tem em mente?

— Surpresa! Vamos sair em trinta minutos. Prepare-se.

Saem. Caminham tranquilamente. A cidade tem sempre uma atmosfera de paz. Depois de quase uma hora de caminhada e reflexões silenciosas, Anastácio para ante um portão. Na varanda está José. Trismundo sorri feliz, não imaginava que aquele encontro acontecesse tão cedo. Sabe das inúmeras tarefas do professor no esclarecimento do movimento espírita sobre o valor da Codificação, na orientação de muitos médiuns e, acima de tudo, sua atuação na literatura espírita.

— Sentem-se. Diz José que se levanta, entra na casa e vai pegar um bule de café fumaçando. Serve Anastácio, Trismundo e pega um pouco.

— Mas vocês ainda tomam café? Pergunta Trismundo impressionado.

— Na verdade, não, Trismundo. Responde Anastácio, mas, carinhosamente, José, sabendo que isso lhe seria agradável, preparou para você algo parecido com um bom café da Terra.

Trismundo fica feliz com tanta delicadeza, vinda de um espírito tão mais elevado do que ele. Sorri emocionado.

— Delicioso. Comenta.

— Afinal, isso eu ainda sei fazer! Comenta José rindo.

— Trismundo, consegui esse encontro com nosso amigo com o objetivo de te auxiliar a melhor entender o movimento espírita. Você precisará compreender duas questões para sua próxima encarnação. Uma é o Espiritismo e a outra é o movimento espírita. Como é compreensível, nem sempre o movimento é coerente com o Espiritismo, por isso, é fundamental sempre consultar a Doutrina Espírita, quer dizer, as Leis de Deus, para estar adequadamente orientado no aperfeiçoamento da própria conduta e das instituições. Explica Anastácio.

— Professor, primeiro eu quero agradecer seu carinho e sua atenção por mim.

— Você é bem-vindo. No trabalho cristão, Trismundo, aprendemos que nunca podemos desprezar a ninguém, se o Cristo foi ao mundo, conviveu com homens rudes, com doentes de péssimo aspecto e teve que suportar, inclusive, a ignorância de alguns apóstolos, como nós poderemos nos esconder e negar o auxílio mútuo que todos necessitamos? Nunca podemos recusar ajudar ninguém, se quisermos ser cris-

tãos. Claro, ajudamos na medida do possível. Mas tem que existir esse “na medida do possível” sincero. Além do mais, adoro conversar! Conclui sorrindo.

Sentindo-se à vontade Trismundo pergunta.

— Como o senhor avalia a literatura espírita?

— Bem, se você quer a opinião de Deus é melhor indagá-Lo por meio de uma prece, não é? Responde descontraído.

— Quero dizer, você... Fala Trismundo.

— Aí é comigo. Não tem nada de errado chamar alguém de senhor, mas, em nosso movimento, estamos indo além disso, estamos santificando... Mas voltemos à literatura espírita.

José respira fundo como a coordenar as ideias e fala com franqueza.

— A má notícia é que está uma lástima, meu amigo; e a boa é que terá todas as condições de melhorar.

— Você pode explicar melhor? Pede Trismundo.

— Em nosso movimento atual temos um empobrecimento lamentável. Se, por um lado, isso é compreensível pelo fato da expansão da Doutrina Espírita, por outro, a acomodação dos espíritas esclarecidos é crime cultural lastimável. Entenda que isso não é uma questão de preciosismo academicista. Não. Não se trata de querer que todos leiam apenas os escritores representantes da alta literatura humana. Não é isso. O problema é que romances e histórias sem substância espiritual verdadeira são impotentes para *resgatar o homem da matéria* segundo a expressão de Lázaro em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Essa expressão é muito importante. **A literatura espírita, seja de cunho científico, filosófico ou literário, propriamente falando, tem apenas uma finalidade, elevar o ser!** Ampliar sua compreensão, torná-lo mais forte, mais robusto espiritualmente. Impulsioná-lo, ainda na carne, a entender e sentir a grandeza de Deus e de Suas Leis; ensiná-lo a dar o valor justo às coisas do mundo e não se afundar em prazeres doentes e conquistas desequilibrantes. Você entende?

— Entendo. Mas o que caracteriza uma literatura que resgata o ser da matéria?

— Veja Kardec e Denis, por exemplo. Existem histórias de indivíduos, romances, estudos científicos, filosóficos, históricos, contos e muito mais. Tudo tem uma característica em comum – elevam o ser.

Induzem ao mergulho em si mesmo, são vozes de diversas tonalidades que afirmam – és imortal, vede a comprovação, observa as consequências de entender a imortalidade, admira quão grande é vosso Criador. Essa é a marca da literatura espírita, ela é ampla, sem moralismos caducos, ela é generosa e ao mesmo tempo é forte. Não há regras formais e sistemáticas. Não há estética rígida, há uma direção. Quem as produz vive em si a mensagem do Consolador, por isso, oferta alimento real e não alimento artificial com toneladas de sabores falsos...

— Mas como lidar, na prática, com isso? Indaga o sempre prático Trismundo.

— Ah como eu queria você como auxiliar no mundo, meu amigo. Comenta descontraído. Você tem razão. Precisamos, como ensina Kardec, tornar as grandes ideias em práticas. Primeiro, é preciso que aqueles que desejam contribuir, de fato, com a literatura espírita, tenham seriedade em seu propósito. Não se pode mais aceitar que o Consolador seja tratado com tanto descaso. Não se faz obra séria com improvisações infantis. Seja na psicografia, seja na escrita de encarnados. O mais sério problema é a ilusão, fruto da ignorância e da preguiça. Querem acreditar que basta algumas horas de boa vontade para se tornar escritor ou médium psicógrafo. É preciso dizer claramente: não é assim. Está claro no Livro dos Espíritos, na questão 521, os espíritos da codificação afirmam: não podemos fazer os cegos verem! Ora, até onde eu saiba, nem Deus transforma um espírito ignorante em sábio ou filósofo com passe de mágica, mas, muitos no movimento, acham que é só escrever algum artigo, psicografar algumas linhas e sair fazendo palestras e pronto: já pode brincar de ser mártir cristão. Não é e não pode ser assim. Portanto, é preciso esclarecer os iludidos, Espiritismo é cristianismo primitivo, isso significa: apenas com vivência abnegada produzimos bons resultados. Você acha que Léon Denis teria escrito o belíssimo **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** se não tivesse uma vida profundamente abnegada? Impossível. E, curiosamente, neste livro ele explica com todas as letras que grandes obras nascem da alma de quem viveu o sacrifício. Sacrifício de tempo para dedicar-se, sacrifício para ser coerente com as Leis de Deus, sacrifício no aprendizado das regras de cada atividade, sacrifício da vaidade e do orgulho.

— Mas, o problema não é que as pessoas fazem muito pouco e são muito aplaudidas pelo público espírita? Pergunta mais uma vez.

— Sim e não. Observe, cabe aos dirigentes ajudar aos iniciantes entender o que lhe falei. É compreensível que a população de arraigada tradição católica inicialmente confunda palestrante com padre e médium com santo, isso é compreensível. Conseqüentemente, não se questiona padre em missa nem se analisa fenômeno mediúnico de santo... É o velho medo do inferno... Explica José sorrindo. Em seguida, mais sério afirma, o problema são os dirigentes. É deles a responsabilidade de amigavelmente apresentar a responsabilidade do trabalho, a necessidade de aperfeiçoamento, como fez Paulo com Marcos ao viajarem para pregar o Evangelho; mas dizem que é caridade não avisar... Não concordo, principalmente, depois que vejo a situação dos sabichões do Espiritismo ao chegarem aqui no Hospital Esperança.

— Como traçar um programa de ação? Trismundo persiste em esclarecer ações práticas.

José sorri e explica.

— Entendido os desafios, comecemos a ação. Estudar Allan Kardec e desenvolver formas didáticas de apresentá-lo ao grande público. Não precisa de palavras difíceis, conceitos vazios e confusos. É simples, estude-se, entenda-se e desenvolva-se meios de divulgar Allan Kardec e em seguida Léon Denis, Gabriel Delanne e Aksakof. Se fizermos um trabalho bem feito em relação a Kardec ganhamos metade de batalha.

— Com que meios? Pergunta Trismundo.

— Todos. Diz, abrindo um sorriso. Ora, no mundo você não utilizava televisão, rádios, computação para alcançar sucesso? Por que não usar isso para a mensagem do Cristo?! Claro, cada um usa os meios ao seu alcance. Hoje, pode-se com relativa facilidade, divulgar-se palestras, peças teatrais, textos etc. O que falta é a consciência que os interessados devem se preparar e produzir materiais com qualidade doutrinária e estética; na verdade, a orientação do Espírito Verdade a Kardec ainda é plenamente válida, materiais que cativem o público e que sejam instrutivos; materiais que interessem aos estudiosos sérios. O que precisamos para fazer isso, antes que você pergunte, digo: dedicação! Apenas isso, dedicação.

— Nunca vi nada tão grandioso, tão fácil de entender e com tanta

dificuldade de implantar. Comenta Trismundo ao se dar conta do quanto poderia ser feito e do quanto não se faz.

— É isso, meu amigo. Agora, queres saber a boa notícia?

— Sim, claro. Até tinha me esquecido que tinha boa notícia!

— A literatura espírita irá passar por uma renovação, um renascimento. Da mesma forma que aconteceu com a ideias gregas e com o cristianismo primitivo.

— Não entendi.

— Não aconteceu por volta do século XIV o resgate, a revivência das ideias greco-romanas em plena idade média, por muitos chamada de idade das trevas? Que espírito encarnado, em meio a tanto atraso, poderia imaginar que o mundo daria um salto cultural tão importante?! Depois, temos o Renascimento do cristianismo, no século XIX, com Allan Kardec. O processo é o mesmo, o diferencial é que tudo ocorre de forma mais rápida. Existem grandes períodos de renovação que ocorrem com velocidades variadas. Vamos ao movimento espírita. Primeiro ele inicia em Paris, na época, a capital intelectual do mundo, Kardec lança as bases, Denis o divulga. Mas o espírito europeu, apesar de sua grande cultura, não soube valorizar a chegada do Consolador; como os fariseus à época de Jesus, eles não queriam ver para não crerem. Quando viam ficavam furiosos, desprezavam, distorciam. Pois bem, a ordem do Cristo foi transportá-lo para o Brasil.

— Mas essa decisão não havia sido tomada mesmo antes da chegada do Espiritismo no mundo? Indaga Trismundo.

— Pelo que vejo você andou estudando...Comenta Herculano.

— Sim, a biblioteca Felipe é excelente, responde.

— É verdade, mas a França e a Europa poderiam ter mantido a luz espírita em sua cultura e em conjunto com o Brasil espalhá-la pelo mundo. No planejamento espiritual, o esforço e a abnegação são sempre premiados. Não cabe ao Brasil ser a única nação espírita e se contasse desde o início com a ajuda de outros povos seria bem melhor. Como dizia, com a transferência do centro de atividades do Espiritismo para o Brasil reencarnam centenas de espíritos com a tarefa de impulsionar a espiritualização do país. A lista é numerosa, mas podemos destacar Bezerra de Menezes, Olímpio Teles, Eurípedes Barsanulfo, Cairbar Schutel e outros. Depois deles, os aprendizes nem sempre foram atentos

e fieis. Um grande número de espíritos profundamente comprometidos com os erros do passado rogaram ao Cristo uma chance, uma oportunidade. Naturalmente, para esses irmãos tão comprometidos com o orgulho, o Espiritismo poderia ser o remédio amargo, mas salutar.

— Amargo?

— Sim, amigo, amargo. Conhecer-se a si mesmo, saber-se ainda atrasado e necessitado de transformação por meio do trabalho, do perdão e da caridade em todos os setores da vida é remédio amargo para quem militou séculos e milênios disputando cargos, honrarias e poder, não acha?

— Sim, entendo. E como eles se saíram?

— Temos casos belíssimos de superação, aprendizado e crescimento espiritual, são histórias que você deve procurar conhecer.

— Sim, irei estudá-las. Trismundo entende a sutileza da colocação.

— Mas a maioria, não mudou. Esse é o quadro do atual movimento encarnado. As escaramuças psicológicas mascaram as disputas de poder, as vaidades e a conduta direcionada pelo orgulho e amor próprio... Não aos olhos de Deus, claro.

— Como identificar essas condutas para que eu não as copie quando encarnar?

— Amigo, quando transformamos caridade em atividade de fim de semana há algo errado. Devemos sim, colaborar com essas elevadas atividades, porém, isso não é suficiente! Como resolver traumas e impulsos infelizes que carregamos há séculos alimentando-os durante a semana e fazendo de conta que somos cristãos por algumas horas no fim de semana? É preciso servir mais! Quem serve pouco tem tempo para alimentar impulsos infelizes. Tem tempo para falar da vida dos outros, tem tempo para disputas inúteis, tem tempo para polêmicas estéreis.

— Então a regra é doar-se verdadeiramente à caridade?

— Sim, mas, antes disso, é preciso entender o que é caridade! Caridade é a sopa e o pão, mas também é o pão espiritual, a compreensão, a oração sincera, a ajuda mediúnica, a atenção carinhosa a conhecidos e desconhecidos.

— O que é pão espiritual? Indaga.

— Pão espiritual pode ser também café, diz rindo, referindo-se ao encontro que estão tendo.

Trismundo sorri. Entendeu.

Herculano continua.

— Estamos aqui nos ajudando uns aos outros. Isso é verdadeira caridade. Não existe uma relação saudável em que alguém perca, meu amigo. Além disso temos os livros! Agora vamos falar da literatura espírita.

Os olhos de Herculano estão iluminados. Eles expressam a beleza de profunda sabedoria com uma empolgação juvenil.

— Muitos amigos já estão no mundo, Trismundo. Depois do Renascimento Cristão no século XIX, tivemos uma pequena idade das trevas no movimento com o reencarne dos mesmos religiosos medievais. Agora é o período dos novos Petrarcas e Galileus, dos novos servidores abnegados que, na verdade, são os mesmos. Você entende? As estações culturais da Terra alteram-se com o reencarne de grupamentos de espíritos elevados e espíritos pouco elevados; os primeiros ensinam, exemplificam, mostram; os outros tentam, aprendem ou não, segundo o livre-arbítrio. É a alternância das gerações que gera a ascensão e decadência das civilizações. É o ensino e a prática segundo a pedagogia divina.

Trismundo está assombrado com a grandeza da criação divina, do processo evolutivo que sempre alia superiores e inferiores. Olha Herculano e indaga.

— Quer dizer, uns vem, mostram, ensinam e depois é como se saíssem de cena para deixar os aprendizes praticarem, é isso?

— Sim, sem exageros, é exatamente isso. O mundo nunca fica abandonado aos aprendizes, mas eles têm certa liberdade de ação.

— Isso é fascinante!

— O mais fascinante vou lhe dizer agora. Esse processo muda de patamar, quer dizer, não ficaremos sempre alternando entre trevas e luzes, entre períodos de brilho seguido por etapas de atraso emocional e cultural. Mundo de regeneração significa que esse alternância extrema acabará; haverá sempre estações e diferentes momentos, mas, a Terra, após a conquista desse patamar, não mais verá guerras sangui-

nolentas nem miséria moral e material. O parâmetro será outro, seus habitantes não aceitarão mais isso.

— Como chegaremos lá?

— A etapa, que já se iniciou, será decisiva, meu amigo. O Espiritismo deve enraizar-se no coração dos homens. Feito isso, a vitória do bem está assegurada. Uma vez desperto espiritualmente, mesmo quando erra, o ser não se torna mais animalizado como está hoje, lutando em sua busca de poder e mando. O coração cristão não aceita o sacrifício do outro em benefício pessoal. Prefere, ao contrário, o testemunho em prol da Humanidade. Você entende?

— Sim, mas como colaborar com esse grandioso plano? Trismundo, de alguma forma, quer fazer parte da grandeza dos planos do Consolador.

— Não falta oportunidade, amigo. Espíritos reencarnados irão revolucionar a compreensão do Espiritismo. Eles não irão mudar a Doutrina Espírita, vão auxiliar aos seres a entenderem o mensagem poderosa do Consolador.

— De forma prática, como isso se dará?

— Vou dar-lhe exemplo. Eles vão revolucionar a mediunidade instituindo parâmetros legitimamente espíritas. Eles não temerão o fenômeno mediúnico como muitos hoje temem. Serão capazes de receber e elevar obras mediúnicas, realizarão experimentos que comprovarão, em laboratório, a imortalidade do espírito, realizarão curas físicas e espirituais. Aplicarão os conceitos de regressão, reencarnação e lembranças do mundo espiritual para curar medos e traumas, também implantarão os conceitos da caridade bem compreendida nas atividades sociais. Há tanto a fazer... E eles farão. São muitos, abnegados, competentes, são infatigáveis. O mundo, como na época do cristianismo primitivo, vai viver uma experiência de ouro. Queira Deus que os corações endurecidos se convertam, pois chegamos ao período das definições espirituais graves.

— Sinto minha pequenez ante tudo isso.

— Esse é seu desafio, amigo. Muitos sentindo-se pequenos, ao invés de tornarem-se humildes, buscam compensar esse sentimento incômodo com cargos, palestras de exibição e polêmicas inúteis; você, para se redimir, deve orar e pedir a Deus coragem para aceitar a própria

pequenez ao invés de tentar negá-la com fugas de vaidade. Explica José.

— Vou fazer isso. Vou aprender a aceitar minhas falhas e a não fugir delas. Sei que isso é o que gera o medo de olhar para o passado e para si mesmo, isso é o que gera o medo de conviver com os mais novos, isso gera o medo de ser verdadeiro cristão. Curiosamente, aceitar meu atraso espiritual é o início indispensável para minha evolução.

— Excelente! Você entendeu a primeira e mais importante lição. Você deve, simplesmente, ser gente. Conclui com bom-humor e felicidade.

Todos riem.

Como é bom ser cristão. Pensa Trismundo. Nunca em nenhuma reunião política ou de negócios foi capaz de se sentir tão bem, tão leve, tão feliz.

Conversam, conversam, conversam. Aquele encontro, simples e informal, na verdade, é uma valiosa oportunidade de aprendizado para Trismundo e também uma reunião de trabalho em prol de uma Humanidade tão confusa e perdida. O diálogo amigável e simples entre José, Anastácio e Trismundo delineia um grandioso plano de ação que seria em breve apresentado ao diretor espiritual da cidade e responsável por guiar a Nova Geração, Eurípedes Barsanulfo. Trismundo tudo ouve encantado. A competência, a criatividade e a simplicidade daqueles amigos e trabalhadores o surpreendia e o educava por meio de cada palavra alegre que ouvia. Um dia serei assim, pensa Trismundo, alimentando esperanças que sua futura encarnação seja o início de sua redenção...

OUTRAS OBRAS

Série Se a Mediunidade Falasse:

1. Iniciação
2. Vampirização
3. Despertar
4. Medo e Mediunidade
5. Cristianismo e Mediunidade
6. Antes do Consolador
7. Consolador
8. Renovação Social e Imortalidade
9. Pequena Mestra
10. Aventuras de um Morto

Série Meu Amigo:

1. Meu Amigo Eurípedes Barsanulfo

ENTRE EM CONTATO

Tenha acesso a todos os livros de forma gratuita e, se desejar, mantenha contato conosco:

www.grupomarcos.com.br
contatogrupomarcos@gmail.com

 facebook.com/grupomarcosespiritismo

